

**FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

VIEIRA, Maria Alice da Cruz Marinho . Maria Alice da Cruz Marinho Vieira (depoimento, 2014). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (0h 55min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO e FGV PROJETOS. Apoio: FGV/ CPDOC. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Maria Alice da Cruz Marinho Vieira  
(depoimento, 2014)**

Rio de Janeiro

2014



## ***Ficha Técnica***

***Tipo de entrevista:*** Temática

***Entrevistador(es):*** Talita de Siqueira Marçal;

***Levantamento de dados:*** Guilherme Mello; Manuela Rodrigues Fantinato; Talita de Siqueira Marçal;

***Pesquisa e elaboração do roteiro:*** Guilherme Mello; Manuela Rodrigues Fantinato; Talita de Siqueira Marçal;

***Técnico de gravação:*** Ninna Carneiro;

***Local:*** Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

***Data:*** 26/5/2014 a 26/5/2014

***Duração:*** 0h 55min

Arquivo digital - áudio: 1;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Memória e história da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro”, desenvolvido pela FGV Projetos em parceria com o CPDOC e viabilizado da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, em 2014. O projeto visa, a partir dos depoimentos cedidos, a publicação de um livro.

***Temas:*** Defensoria Pública Estadual; História; Maria Alice da Cruz Marinho Vieira ; Memória Institucional; Rio de Janeiro (estado);

## *Sumário*

Memórias familiares: atuação profissional do pai como Defensor Público Geral do Estado do Rio de Janeiro; importância da transcrição das memórias e história da Defensoria Pública; relacionamento da Defensoria com a Secretaria de Estado de Justiça; fundação da Caixa de Assistência dos Defensores (CAMARJ); participação e atuação do pai nas associações de classe, notadamente na Associação de Defensores Públicos do Estado do Rio de Janeiro (ADPERJ) e na Associação Nacional dos Defensores Públicos (ANADEP).

*Entrevista: 26 de maio de 2014*

T.M. – Obrigada...

M.A. – De nada. É um prazer muito grande.

T.M. – ...por estar aqui. A primeira pergunta tem a ver com a trajetória realmente pessoal do doutor Omar [Marinho Vieira], do seu pai, e aí eu queria que a senhora contasse um pouquinho de onde o doutor Omar veio, de onde veio a família de vocês e como era sua relação com ele, o que a senhora faz e a relação com ele.

M.A. – Meu pai é de Niterói mesmo, e casou com a minha mãe, viveram juntos 60 anos, e meu pai veio de uma família que eles tinham fazenda, e quando ele veio para Niterói, ele foi estudar... Eu já era grande, já tinha nascido, e ele foi estudar direito, e ele se apaixonou pelo direito, e ele foi nomeado pelo governador, em 1962, para defensor público, e sendo que a sua primeira comarca foi dia 9 de janeiro de 1963, que foi Araruama, Saquarema e Maricá. As três comarcas em que ele atuou foram essas três.

T.M. – Como é que era a relação de vocês? O que a senhora faz e como é que era a relação de vocês?

M.A. – Meu pai sempre foi tudo para mim, um exemplo de homem, um exemplo de pai, um exemplo de marido e, depois, mais tarde, um exemplo de avô e bisavô. Ele queria muito que eu fizesse direito, mas eu tinha paixão por história e fui fazer história, na faculdade. O que mais tarde me arrependi, porque o amor dele pela Defensoria era tão grande, tão grande, tão grande que eu me senti um pouco culpada de não pertencer a essa instituição também. E sendo que mais tarde, em um outro período da minha vida, eu fui convidada para ir trabalhar no Tribunal – e foi uma das coisas que ele ficou mais feliz –, e larguei a história e fui trabalhar junto ao desembargador Manoel Carpena Amorim, como assessora dele e chefe de gabinete do Tribunal de Alçada Cível. Então foi uma coisa que meu pai ficou muito feliz. Mas eu me sinto muito tranquila... com o tempo, eu me senti muito tranquila, porque minha filha resgatou tudo que eu queria ter feito por ele e não pude: ela fez direito e entrou para a

Defensoria. E um dos dias mais felizes da vida do meu pai foi quando ele colocou o broche da Defensoria na lapela da minha filha. A felicidade dele foi tão grande, tão grande! E, por eu estar no Tribunal, muitas vezes... às vezes, eu falava: “Ana, vai fazer o concurso para juiz”. E ele ficava indignado de eu pedir isso a ela. E ela não quis, ela continuou na instituição, que ela ama do mesmo jeito que meu pai amava. Ela hoje trabalha no Fórum da Região Oceânica e já tem 20 anos de Defensoria.

T.M. – É bem legal. A senhora sabe como o doutor Omar Marinho se tornou defensor? Ele sempre quis exercer o ofício de defensor?

M.A. – Não. Porque a Defensoria foi criada em 1954 ou 1958, eu não me lembro, e ele entrou em 1962. Ele foi nomeado pelo governador, para defensor. Mas aquilo... Meu pai sempre foi muito carismático e meu pai sempre foi uma pessoa que tinha um amor ao próximo muito grande. Então, o trabalho na Defensoria, para ele, não era uma coisa cansativa, não era uma coisa que desgastasse ele. Porque, naquela época que ele começou na Defensoria, não existiam nem salas para você trabalhar. Muitas vezes, nós... Ele queria que a gente fosse conhecer o ambiente de trabalho dele, e a gente ia lá e ele trabalhava, às vezes, num corredor.

T.M. – A senhora lembra de ter ido alguma vez?

M.A. – Me lembro. Várias vezes.

T.M. – Conta um pouquinho.

M.A. – Ali na rua de São João, quando ele era da Vara de Menores... de Família, eu acho, a Vara de Família, ali na rua de São João, quando a gente chegava, todo... De vez em quando eu ia com a minha mãe na rua da Alfândega para comprar brinquedo e bala para as crianças, e ele levava o brinquedo e a bala para as crianças, para ele poder atender ao pessoal, os assistidos. Então era uma coisa que... Ele tinha um amor muito grande por aquilo ali. Meu pai tratava tanto os funcionários da Defensoria, os funcionários do fórum como os juízes... Ele tinha um apreço muito grande, um carinho muito grande. E, mais tarde, quando eu fui trabalhar no fórum é que eu pude observar tudo que ele tinha feito, tudo que ele tinha

plantado. Quando eu entrei para trabalhar, logo, os juízes o tratavam com tanto carinho! Ele participava do convívio com aqueles juízes. Não tinha essa diferença. Porque antigamente era: defensor, promotor, juiz. Para ele, não tinha essa diferença. E os juízes que ele foi trabalhar, que ele trabalhou em Araruama, Saquarema e Maricá, mais tarde trabalharam com ele no Tribunal de Alçada. Então, todos tinham um carinho muito grande com ele. E assim... E eu recebi esse carinho. Era um carinho que só meu pai. Eu não sei. Meu pai era muito especial.

T.M. – Tem uma pergunta que a gente tem feito... Muita gente diz que a Defensoria Pública é como se fosse um sacerdócio. Nesse sentido, a senhora acha que seu pai era um sacerdote?

M.A. – Eu acho que sim. Eu acho que sim.

T.M. – Por quê?

M.A. – Por causa do amor. Porque você, para ser um sacerdote, você tem que abdicar de muitas coisas, e meu pai abdicava de muitas coisas: meu pai era um homem muito simples, ele tinha um amor ao próximo muito grande, e os assistidos, para ele, não eram pessoas que estavam afastadas. Meu pai – e mais tarde aconteceu com minha filha... Eu fico até emocionada de falar, porque meu pai trazia para casa caixinha de bombom, trazia para casa um pouquinho de doce que eles levavam para ele, e mais tarde, com minha filha, uma vez, chegando em casa, ela me trouxe... “Mãe, isso aqui tem um valor enorme.” E até hoje ela tem: um ventilador. Porque a assistida viu que ela trabalhava num local que não tinha conforto e, depois que ela resolveu o problema... Esse ventilador até hoje está na casa dela.

T.M. – Queria que a senhora contasse um pouquinho mais de como a profissão do seu pai como defensor influenciou não só a sua profissão mas também a senhora enquanto pessoa, a sua vida particular.

M.A. – Ah, meu pai... Posso te explicar. Meu pai, como defensor, ele tinha... Ele nos ensinou que ninguém é superior a ninguém; somos todos iguais. Naquele momento, ele tinha o juiz, que era superior a ele, que era muito amigo dele, e ele tinha os assistidos, e ele era muito

amigo dos assistidos. Então ele tinha um relacionamento... Ele nos ensinou isso, que o mais importante na vida é você saber dar, para poder receber. É dando que você recebe. E ele deu muito da vida dele para essa Defensoria. Ele não tinha hora, ele não tinha dia – várias férias, ele abdicou das férias –, mas ele tinha aquele carinho especial por essa instituição que ele tanto amou e que passou para nós. Eu amo a Defensoria como se eu pertencesse a essa instituição. Minha filha tem um carinho pela Defensoria que só mesmo, eu acho, um avô como ela teve que poderia passar isso para ela, aquele amor que ele tinha. Na minha casa, a Defensoria sempre foi tida como... Nós conversávamos sobre a Defensoria. Era um assunto. Meu pai não tinha a Defensoria e o trabalho dele separado em nada, a Defensoria fazia parte da nossa família. Os defensores, hoje... Até ele velhinho – porque ele foi morar comigo, depois que a minha mãe morreu –, os defensores, como o doutor Ronald Alexandrino, o doutor Ideel, todos continuaram amigos dele, visitando, estando com ele. Os juízes, que depois se tornaram desembargadores, todos continuaram amigos dele: o desembargador Manoel Carpena Amorim, o desembargador Sergio Cavalieri, o desembargador Manoel Pachá\*. Eles frequentavam a nossa casa. Então, para meu pai, foi uma coisa... E eu tive a grande honra de trabalhar com o desembargador Manoel Carpena e com o desembargador Sergio Cavalieri. Então, esse amor pela Justiça, meu pai tinha, e esse amor ele conseguiu passar para nós.

T.M. – A senhora está contando aqui para a gente que a Defensoria era um assunto em casa e era muito presente. Tem algum caso ou alguns casos que a senhora lembre de seu pai contar que tenham marcado ele?

M.A. – Não, não lembro. Específico, não. Porque meu pai se aposentou em 1992. Então, já tem muitos anos.

T.M. – Caramba!

M.A. – É, muitos anos. Mas eu sempre me lembro de ele contar casos de... que ele trazia... principalmente... E uma coisa que nos deixou muito emocionados foi que... Meu pai trabalhou sempre em São Gonçalo – antes da Defensoria, ele tinha um depósito de açúcar;

---

\* Talvez esteja se referindo ao desembargador Miguel Pachá.



depois ele foi defensor em São Gonçalo –, e o doutor Nilson Bruno, o defensor público [geral], ele o homenageou com o nome do prédio da Defensoria: Omar Marinho. Então a gente é eternamente grata ao doutor Nilson Bruno. Porque o doutor Nilson teve pouco contato com meu pai e, nesse pouco contato, ele tem tido um cuidado com a memória do meu pai, um carinho com a memória do meu pai muito grande. Então nós somos eternamente gratos ao doutor Nilson Bruno.

T.M. – A senhora estava lembrando de alguns colegas do seu pai que frequentavam a casa de vocês. Tem algum outro colega que tenha sido mais marcante na trajetória dele, que, de repente, trabalhasse diretamente com ele, na história dele enquanto defensor?

M.A. – Na história dele como defensor, tem o doutor Ideel [Coelho Silva].

T.M. – Me conta por quê.

M.A. – O doutor Ideel, eles foram... iam juntos para o trabalho e voltavam juntos. Doutor Ideel era o corregedor, e quando o doutor Ideel tirava férias, papai era o corregedor. Eles trabalharam no anteprojeto juntos. Então, foi um amigo de todas as horas do meu pai, de irem juntos e de voltarem juntos, trabalharem no Palácio, quando eles foram para lá trabalhar, trabalharem no anteprojeto. E, depois, o doutor Ideel sempre, em todos os momentos da vida do meu pai, o doutor Ideel esteve presente. E posso destacar também o doutor Ronald Alexandrino. Foi um amigo muito, muito, muito grande que meu pai teve. Tinha um carinho por ele... Doutor Ronald morava em Nova Iguaçu, meu pai estava em Camboinhas comigo, meu pai ia ao aniversário do doutor Ronald e o doutor Ronald vinha ao aniversário do meu pai. Eram amigos assim... como se fossem irmãos. Acho que esses dois eu posso destacar.

T.M. – Qual anteprojeto a senhora se referiu, com o doutor Ideel?

M.A. – “Grupo de trabalho para elaborar o anteprojeto da lei orgânica da Assistência Judiciária, por portaria do Excelentíssimo...” [lendo]

T.M. – É importantíssimo, esse anteprojeto.

M.A. – É. Eu até lhe dei a foto. Ele trabalhou junto com o doutor Ideel, doutor José Fontenelle, Umberto Carlos dos Reis e Ricardo Silva de Bustamante.

T.M. – Olha! Que bacana! Esse doutor Ricardo Silva de Bustamante era...?

M.A. – Ele hoje é desembargador.

T.M. – Mas ele não tem nenhum parentesco com o doutor Marcelo Bustamante, tem?

M.A. – Acho que tem.

T.M. – Ah! Poxa!

M.A. – Acho que sim. Não sei.

T.M. – Ah, eu queria que a senhora contasse um pouquinho...

M.A. – Ah, e outra amiga dele durante muito tempo foi a doutora Marilene [**inaudível**]. Eles trabalharam juntos, acho que na Câmara do Tribunal de Alçada Cível. Ela é esposa do doutor **Lovídio**, o desembargador. Doutora Marilene foi de um carinho com meu pai muito grande.

T.M. – Bacana. Queria que a senhora contasse um pouquinho dessa trajetória do seu pai, dessa trajetória profissional. Sei que é uma trajetória...

M.A. – Foi longa. Bem longa. Você vê que ele começou em 1962, tomando posse em 1963, e foi até 1992. Ele se aposentou porque ele fez 70 anos, porque, por ele, ele não sairia nunca da Defensoria. E uma das coisas que mais me encantava no meu pai é que... Quando eu fui trabalhar no Tribunal... Ele sabia o nome de todos os cabineiros dos elevadores. Quando ele entrava, ele falava: “Oi, fulano. Como é que você está? Já nasceu o neném?”, e eu ficava surpresa, como é que ele sabia a vida de todos. E quando eu fui à Defensoria uma vez... Todos, o porteiro, os cabineiros, todos, ele sabia o nome de todos, ele sabia a vida de todos,

ele nomeava, ele perguntava pela família. Eu falei: “Gente, eu tenho que modificar, eu tenho que ser mais...”. Porque eu era muito tímida. “Eu tenho que me soltar um pouco mais, eu tenho que ser mais como meu pai.” Porque eu acho tão bonito isso dele, se dedicar, saber o nome das pessoas, nomear e saber o que está acontecendo com a família. Isso faz a pessoa se sentir importante. Então ele foi uma pessoa assim... Uma trajetória difícil, porque ele trabalhava um dia em Maricá, um dia em Araruama, um dia em Saquarema. Ele ia cada dia para um... Mas logo ele fez ambiente, porque ele ia até no carro com o juiz. Ele ia e voltava com os juízes. Depois ele foi para Niterói, depois ele foi para São Gonçalo, depois foi para Cabo Frio, aí veio para o Palácio, trabalhar no Palácio junto com o doutor Ideel, até chegar... Ele foi o primeiro coordenador. O nome é coordenador da Assistência Judiciária, que é o defensor público geral. Então eu tenho um orgulho muito grande do pai que eu tive.

T.M. – A senhora lembra...? Porque, exatamente, essa função dele, de ele ter sido o primeiro coordenador, que na prática era como ser... Ele era, na verdade, o defensor...

M.A. – O defensor público geral.

T.M. – A senhora lembra como foi esse período para ele, quando ele assumiu esse cargo, como foi isso, de ele comentar...?

M.A. – Não mudou em nada. Ele continuou com a mesma humildade e querendo só ajudar. E eu aqui até te digo uma coisa que... Uma das coisas que mais me impressionou no meu pai foi que, quando ele teve... Ele foi nomeado, designado para coordenador geral do primeiro concurso para defensor público e, depois, ele foi designado para o segundo, para o terceiro e para o quarto. Eu me lembro muito quando meu... Na véspera do concurso, ele ficava muito nervoso, muito nervoso, muito nervoso, e minha mãe dizia: “Não fala com seu pai. Tem concurso à vista”. Ele ficava muito nervoso. E ele dizia: “Eu não acho justo...”. Então, quando era... Ele saía de casa quatro e meia da manhã, porque a gente morava em Niterói, para ir para o local da prova, do exame, para poder sortear o ponto, e era... as questões eram formuladas. E ele não queria que houvesse nenhum vazamento, nada, nada, nada. E o atendimento que ele dava àquelas pessoas que estavam para fazer o concurso, mais tarde, trabalhando no Tribunal, eu pude verificar, foi um atendimento que deixou muitos marcados.

Eles diziam: “Seu pai não existia. Ele chegava perto da gente, quando a gente estava muito tenso, e dizia ‘calma, fica tranquilo, tudo vai correr bem’”. Era um concurso! O doutor Amorim, que é defensor público, nessa última homenagem que teve no Theatro Municipal, do Dia do Defensor, ele me relatou uma coisa que me deixou muito sensibilizada. Ele passou no concurso e ele não sabia que tinha que tomar posse, quando ele escuta um telefone no escritório e que diz para ele assim: “Amorim, quem está falando é doutor Omar”. Ele falou: “Doutor Omar?! Quem é doutor Omar?!”. E aí ele falou: “Onde você está?”. Aí ele disse: “Eu estou aqui no meu escritório”, ou “estou em casa”, não me recordo onde ele estava. Não, no escritório, porque ele estava na Cidade. “Você venha depressa porque eu vou atrasar a posse, porque senão você vai perder a sua posse.” Ele aí tomou um táxi e foi para o Palácio para tomar posse. E ele disse que meu pai falou para ele: “Há três dias eu estou tentando te localizar”. Ele disse para mim: “Maria Alice, quem faria isso, ficar atrás de uma pessoa que passou num concurso para tomar posse? [Inaudível]. Ele não me conhecia, ele não sabia quem eu era”. Então, esse era o meu pai, era essa pessoa, porque ele tinha esse carinho por... Ele achava que eles tinham estudado, que eles tinham feito muita coisa, que não poderiam, de jeito nenhum, perder uma posse. E o doutor Amorim me relatou isso.

T.M. – Tem aqui o primeiro ano do concurso, do primeiro concurso?

M.A. – Tem. Foi em 8 de agosto de 1978.

T.M. – Nossa! Bem legal!

M.A. – O segundo foi em 1980, o terceiro foi em 1984, e o quarto concurso que ele fez parte foi em 1987.

T.M. – Que bacana! E ele também formulava as questões? Sabe se...?

M.A. – Não. Ele era o coordenador. E aí cada matéria tinha os professores que iam formular as questões.

T.M. – Que bacana! Voltando um pouco ao momento em que seu pai foi o primeiro coordenador geral, a senhora lembra...? Porque foi no governo do Chagas Freitas que isso aconteceu.

M.A. – Foi.

T.M. – A senhora lembra de ele comentar como era o relacionamento da Defensoria naquela época que estava submetida à Assistência... à Secretaria de Estado de Justiça?

M.A. – Inclusive os congressos, como eu te dei os retratos, você vê que os congressos... Meu pai tinha um entrosamento muito grande com os promotores, porque era tudo... a Defensoria pertencia... a Assistência... Então ele tinha um relacionamento muito grande. E o doutor Chagas, também. Como ele trabalhava no Palácio, ele tinha um relacionamento muito bom com o doutor Chagas. Eu me lembro que o doutor Chagas ligou para nossa casa para avisar.

T.M. – Para avisar o quê? Que ele...?

M.A. – Que ele seria.

T.M. – Olha! Foi a senhora que atendeu o telefone?

M.A. – Não, não. Acho que foi ele mesmo. Ligou para ele e avisou que ele seria.

T.M. – E a senhora chegou a visitar, quando ele...

M.A. – No Palácio? Sim.

T.M. – E como é que era? Quais são suas lembranças do Palácio?

M.A. – As minhas lembranças no Palácio são que gente entrava no Palácio, tinha uma escadaria atrás, eles tinham as salas dele ali, e atrás tinha um anexo. Para o meu pai, não mudou em nada, nada, nada, nada, ele continuou... O amor dele foi tão grande pela... Ele

tinha dois grandes amores na vida dele. O primeiro amor dele era a família dele. Ele tinha uma coisa com a gente, com a minha mãe, comigo, com a minha filha... Era um amor incondicional. E o segundo grande amor da vida dele foi a Defensoria. Meu pai, quando estava preste para morrer, no CTI, bem mal, minha filha foi visitá-lo e ele aí perguntou para ela, balbuciando: “Ana, você está indo para a Defensoria?”, porque ele não queria que ela faltasse. Ela disse: “Sim, vovô, daqui eu vou para a Defensoria”. Quando ela saiu, ele nunca mais falou nada. Foram suas últimas palavras. [emoção]

T.M. – E momentos bons da Defensoria?

M.A. – Muitos, muitos bons.

T.M. – Tem algum momento que tenha sido o melhor momento do seu pai na Defensoria?

M.A. – Sim, tem.

T.M. – E como é que foi?

M.A. – Quando ele se aposentou, o carinho do grupo da Câmara que ele recebeu – todas as funcionárias da Câmara, que não eram funcionárias da Defensoria. Foi um carinho muito grande. Todos os juízes, o presidente do Tribunal... Eles fizeram uma sessão com homenagem a ele, homenagem ao defensor público. E depois o jantar – a Defensoria, a Associação inclusive entregou a ele uma medalha –, que foi muito comovente, todos os juízes da Câmara, o presidente do Tribunal, o defensor público, e vários defensores públicos presentes. Foi uma homenagem, assim, que... Quando eu cheguei lá, eu vi... “Meu Deus! Como meu pai é importante! Como ele é querido!”. Porque são nesses momentos... Porque quando ele está por cima, ele é o defensor público geral, muitas homenagens acontecem, mas quando você está saindo e essas homenagens acontecem, eu acho que aí tem muito... E agora, com o doutor Nilson Bruno. O doutor Nilson, eu tenho um carinho por ele, minha filha tem um carinho, a família inteira tem um carinho muito grande com ele, porque a memória do meu pai, ele tem feito tanta coisa para elevar cada vez mais, ele tem sido de uma atenção com a nossa família, ele tem sido... com um carinho tão especial com a memória do meu pai que

eu fico assim... Meu Deus! Que pessoa especial, que pessoa maravilhosa que é o doutor Nilson Bruno. Porque o contato dele com meu pai foi muito pequeno, mas ele resgatou isso tudo. Então eu fico muito feliz de meu pai ter pertencido a essa instituição e de as pessoas que vieram depois dele, como... Encontrei com o doutor Vitagliano nessa homenagem e ele me disse: “Todos os dias da minha vida, eu oro pelo seu pai”. O doutor Marcelo, que é uma pessoa maravilhosa, esteve com meu pai, presente sempre. Então eu não posso... Só posso amar muito essa instituição.

T.M. – Agora, uma coisa importante, também, para a gente fazer esse mapeamento é falar também das dificuldades, é claro, porque há uma luta, também, por conquistas.

M.A. – Muito grande.

T.M. – E aí queria que a senhora comentasse um pouco isso. Tal como lhe perguntei de um momento melhor, teve algum momento que tenha sido mais difícil para seu pai atuar como defensor público, que a senhora se lembre? E também, falar um pouco das dificuldades.

M.A. – Sim. Eu acho que uma das épocas mais difíceis foi quando ele esteve na Vara de Família, em Niterói, porque a precariedade era muito grande, de material para trabalho; aquilo lotava, lotava; não tinha uma sala apropriada; e por mais que ele chegasse mais cedo, ele saía muito tarde; e pegava as pessoas numa fase em que... A Vara de Família é uma... A pessoa está muito desgastada, quando chega ali, e principalmente quando a pessoa não tem recurso e tem que buscar a solução que é a Defensoria, que muito bem atende a todos, mas que, pelo volume de trabalho, você não pode dar a atenção que você gostaria que fosse dada. Então é uma coisa que... Eu acho que foi uma época, para o meu pai, muito difícil e pesada, porque ele vinha de lá muito desgastado, de ver muita coisa. Antigamente não tinha a Lei Maria da Penha, não tinha nada disso, as mulheres apanhavam e iam para a Defensoria para reclamar. Não tinha nada. Era uma coisa que... **A Vara** tinha que resolver tudo e o defensor tinha que procurar atender da melhor forma possível. Foi uma fase difícil.

T.M. – A senhora lembra de ele falar alguma coisa dessa época? Vocês percebiam...?

M.A. – Ele falava que era difícil, que era difícil atender coisas que às vezes você não tem como resolver, não tem como. O problema é que... Ele ficava mais angustiado quando ele não conseguia resolver o problema. Por mais que você tentasse ajudar, você não conseguia.

T.M. – Isso foi em qual época, que ele esteve nessa Vara?

M.A. – Está aqui: de 1968 até 1973.

T.M. – Tem uma coisa também que eu acho importante: com toda a convivência com seu pai, para ele, na sua avaliação, é claro, quais foram as principais conquistas da defensoria pública? Tanto enquanto instituição Defensoria Pública como, também, enquanto classe, pensando nas conquistas para os defensores públicos.

M.A. – Eu acho que uma das grandes conquistas foi a abertura do concurso. A abertura do concurso é uma coisa muito importante. A segunda grande conquista foi a Defensoria se tornar um órgão, uma instituição separada da Promotoria, dos promotores. Então foi uma conquista muito grande, esse projeto, essa lei que ele trabalhou junto com o doutor Ideel, com o doutor Bustamante... Eu acho que foi uma coisa importantíssima para a Defensoria. Senão a Defensoria estaria atrelada junto com os promotores. E hoje em dia a Defensoria é um órgão tão importante quanto a Promotoria, tão importante quanto os juízes. Eles, hoje em dia, estão cada vez galgando mais e mais e mais, como foi dito na reunião do dia 19. Então se tornou uma instituição de muito respeito, e o povo, hoje em dia, sabe que pode contar, porque tem a Defensoria Pública. A Defensoria, hoje, é uma senhora instituição, é uma instituição... Todos sabem que têm condição de recorrer. Porque o pobre, para chegar, é através da Defensoria. Até um intermediário, ele vai pela Defensoria. E a Defensoria, hoje, atende aos juizados especiais, a todas as varas... Nós temos até defensores no Supremo, que é uma importância muito grande, e defensores aqui do Rio estão atuando junto ao Supremo. Então a Defensoria cresceu. A Defensoria, hoje, é a Defensoria Pública que meu pai tanto amava e tinha orgulho. E eu tenho certeza que, onde ele estiver, ele vai estar muito feliz por todos esses degraus que a Defensoria está galgando.



T.M. – Tem uma outra questão que é da Defensoria Pública do estado do Rio de Janeiro. A senhora lembra do seu pai falar alguma coisa em relação à avaliação dele mesmo da trajetória da Defensoria do estado do Rio de Janeiro?

M.A. – Todos dizem que a Defensoria do estado do Rio de Janeiro é a melhor Defensoria do Brasil, e meu pai, com muito orgulho, sempre dizia para a gente que era a melhor Defensoria do Brasil, e eu acho que ele tinha razão e hoje eu acho que tem razão. Porque a Defensoria daqui, a nossa Defensoria, porque é nossa, ela é um exemplo, ela é um exemplo em todos os pontos. Ela é um marco e ela tem se tornado, cada vez mais, mais importante, mais digna para todos que dela precisam. E outra coisa que eu queria mencionar é a medalha, que meu pai foi o primeiro defensor público que recebeu a Medalha do Mérito Judiciário no Tribunal de Justiça.

T.M. – É o Colar de Honra ao Mérito?

M.A. – É o Colar de Honra. E ele foi o primeiro defensor. Ele recebeu em... acho que em 1990.

T.M. – Ele foi, então, o primeiro defensor a receber o Colar de Honra ao Mérito?

M.A. – De Honra ao Mérito.

T.M. – Que bacana! Tem nas fotos isso, eu acho.

M.A. – Tem nas fotos. É, foi o primeiro defensor, em 1990. Meu pai também foi um dos fundadores da Camarj.

T.M. – Ah, me conta um pouquinho sobre a Camarj, então.

M.A. – A Camarj, eles lutaram muito. Tem até uma foto aí. Depois ele se tornou vice... tomou posse como vice-presidente da Caixa de Assistência aos Membros da Assistência Judiciária (Camarj) para o biênio de 1988/1989.

T.M. – E por que era uma luta tão grande para se fazer a Camarj? O que ela representava?

M.A. – Representava... Porque os defensores todos... Os juízes tinham a Mútua; os promotores tinham a sua caixa de assistência; e os defensores não tinham. Então foi uma coisa muito importante, a criação da Camarj, porque dava um apoio ao defensor na parte de resguardo da sua saúde, da família.

T.M. – Essa é até uma dúvida que eu tenho. A Camarj é a assistência hospitalar e médica.

M.A. – E médica.

T.M. – É extensiva à família do defensor?

M.A. – Agora sim. Tanto que eu faço parte. Agora o defensor, seus pais e seus descendentes, quer dizer, os ascendentes e os descendentes podem pertencer à Camarj.

T.M. – Bacana. Sobre as entidades de classe, há a Associação da Assistência Judiciária do Estado do Rio de Janeiro, a Aaerj, a Adperj. Como é que seu pai via a importância dessas entidades de classe? Ele era membro das entidades? Como é que era a relação dele com essas entidades?

M.A. – As entidades todas, meu pai participava de tudo, no global. Porque os congressos, você vê que são da Adperj; dos promotores, que eu não me lembro...

T.M. – É a Associação do Ministério Público Fluminense.

M.A. – Do Ministério Público. Ele organizava vários congressos junto com os promotores, então, ele tinha uma ligação muito grande com todos. Com a Mútua, inclusive, com a associação também dos juízes, meu pai tinha uma relação muito grande. Ele era uma pessoa... Ele era um líder nato, então, ele tinha essa facilidade. E eu tive que aprender, mais tarde, com

ele, por ser muito tímida, eu tive que aprender com ele a me soltar, a ser mais até dada com as pessoas, a um convívio mais...

T.M. – Sobre os congressos, porque tem muitas fotos sobre os congressos, a senhora chegou a acompanhá-lo em algum congresso?

M.A. – Não, nunca acompanhei.

T.M. – Tem alguma história de algum congresso?

M.A. – Sim, tem uma história, uma história muito divertida: eles foram para Buenos Aires e um dos... eu acho que era do Ministério Público, perdeu o passaporte, e aí foi uma gozação. Não me lembro quem foi. E quando ele chegou em casa, ele contava, e contava que tinha perdido o passaporte e que aí ele dizia para a pessoa: “Você vai ficar”. Mas a pessoa pôde voltar, com a carteira de identidade. Foi um dos congressos que eu mais via meu pai comentar. E ele adorava os congressos. Ele participava de todos. Eles iam a todos os congressos.

T.M. – E esse em Buenos Aires, a senhora lembra...? Porque então é um congresso internacional.

M.A. – Internacional. Eles foram a Buenos Aires.

T.M. – Lembra mais ou menos o ano, ou a década?

M.A. – Não lembro. Eu procurei até foto, para ver se eu as tinha, e não tinha.

T.M. – Ah! Poxa!

M.A. – Essas aqui que eu tenho.

T.M. – E ele contava, de repente, o que estava sendo debatido na época, alguma coisa assim?

M.A. – Olha, ele organizava o congresso todo. E para mim foi de uma grande valia. Porque, quando eu fui trabalhar no Tribunal de Justiça, como era a chefia de gabinete, eu tinha que organizar os congressos, então, ele me dava todas as dicas de como organizar um congresso. E depois eu fui... E eu trabalhava também no cerimonial, e ele me deu todas as dicas. Eu fui ao Palácio com ele, e era a embaixatriz que era a chefe de gabinete do governador – esqueci o nome dela –, e cheguei lá e tive todas as portas abertas e me deram todo o material para eu trabalhar com o cerimonial. Porque meu pai... Ele fazia curso de cerimonial. Quando eu fiz curso de cerimonial com o Nelson Speers, ele fez junto. Então ele gostava dessa parte de organizar, de colocar, de montar a mesa e de organizar tudo. Ele me deu... Ele me ajudou muito. Na minha vida, ele me ajudou muito, a minha vida inteira.

T.M. – Que bacana! Que bacana! A senhora já contou um pouquinho... Doutor Omar, então, se aposentou em 1992, a senhora já me falou. Quando ele se aposentou, onde é que ele estava lotado?

M.A. – No Tribunal de Alçada Cível.

T.M. – Ah, foi o último.

M.A. – Foi o último dele.

T.M. – Para ele, o que significou a aposentadoria? Foi muito difícil se aposentar?

M.A. – Foi muito difícil.

T.M. – Como é que ele se adaptou?

M.A. – Ele teve que se adaptar, não é? Mas, como eu trabalhava no Tribunal, ele ia muito ao Tribunal. E ele aí procurou ir levando a vida: trabalhou em escritório de advocacia alguma coisa, ele ajudava um, trabalhava com outro. Para ele foi muito difícil, a aposentadoria. Porque você vai todo dia, todo dia, todo dia. Mas ele continuou no Conselho Penitenciário.

Ele foi nomeado e foi trabalhar no Conselho Penitenciário, ficou uns dias indo ao Conselho Penitenciário, por semana, até que depois parou. Então ele não parou, assim, bruscamente. Mas foi difícil. Não posso dizer que não foi, porque foi muito difícil para ele.

T.M. – Para uma pessoa tão apaixonada pela profissão...

M.A. – É.

T.M. – Muito bonito. Ah, sim! Tem uma pergunta... Na sua opinião, qual o maior orgulho do seu pai, na carreira de defensor público?

M.A. – Quando a neta tomou posse. Quando a neta tomou posse, eu trabalhava no Tribunal de Justiça e fui proibida de assistir as provas... de ir à prova oral, e ele também, porque ela não quis que ninguém fosse. Agora, na última prova, nós fomos, e quando ela acabou a prova, ela não sabia que nós estávamos lá, ela acabou a prova e saiu e a gente estava do lado de fora esperando. Meu pai chorou.

T.M. – Ele, assistindo a prova, já devia saber que ela tinha ido bem, não é? Imagina o orgulho por ela ter passado, depois. Qual é o nome da sua filha? Posso cometer essa indiscrição?

M.A. – Ana Margarida Vieira Pires de Albuquerque.

T.M. – E aí, atualmente, a Ana está lotada...?

M.A. – No Juizado Especial da Região Oceânica, Juizado Especial Cível da Região Oceânica.

T.M. – Tem aqui alguns pontos específicos que eu não sei, enfim, se a senhora também lembra. Mas vou perguntar, de qualquer forma. Um período muito marcante, na história do país como um todo, foi o regime militar, até porque durou bastante tempo. Mas pensando no regime militar em relação à Defensoria Pública mesmo, a senhora lembra de seu pai comentar

se havia alguma forma de interferência? Como é que era essa relação Defensoria-regime? Influenciava?

M.A. – Não posso lhe responder. Inclusive eu fazia história nessa época. A Faculdade de História era uma faculdade muito movimentada. [riso]

T.M. – Não, mas aí não necessariamente em relação à sua experiência...

M.A. – Apesar de eu não participar de nada, mas...

T.M. – Mas pensando a Defensoria, mesmo.

M.A. – Não posso lhe responder. Essa pergunta, não...

T.M. – Está [certo]. Mais adiante um pouquinho, teve um momento, já na década de 1990, já quando seu pai estava se aposentando...

M.A. – Quase se aposentando.

T.M. – ...que eu não sei se tem a ver *também* com a aposentadoria dele, que foi o segundo governo do Leonel Brizola. Porque, no segundo governo do Leonel Brizola, o Brizola não concedeu... ele excluiu os defensores públicos de um aumento salarial.

M.A. – Foi. Foi muito difícil, muito difícil.

T.M. – Interferiu também para vocês? Como é que foi esse momento...?

M.A. – Foi bem difícil. Meu pai se aborreceu terrivelmente com isso, terrivelmente. Para ele, era... Ele não entendia por que isso tinha sido feito.

T.M. – E teve alguma relação...? Porque ele se aposenta no ano seguinte. Teve? Ou não? Precipitou, de alguma forma, a aposentadoria?

M.A. – Não, não. Ele aposentou por idade. Não foi por isso. **Senão** ele teria continuado.

T.M. – Agora... Porque na época foi impetrado um mandado de segurança que parece que saiu agora. Vocês também receberam alguma coisa? Seu pai já tinha se aposentado?

M.A. – Não sei. Não...

T.M. – Ah! Outra coisa – eu perguntei da ditadura, agora quero perguntar da democracia –, seu pai participou, acompanhou os debates da Assembleia Nacional Constituinte para pensar a Constituição de [1988], para pensar até a Defensoria Pública na Constituição...?

M.A. – Participou. Mas eu sei muito pouco sobre isso.

T.M. – Tem algum episódio que a senhora se lembre...

M.A. – Não.

T.M. – ...se ele chegou a viajar? O que ele...?

M.A. – Ele ia para Brasília.

T.M. – É mesmo?

M.A. – Ele ia. Mas eu não tenho conhecimento mais profundo sobre isso.

T.M. – Com quais colegas, nessa época, ele falava mais, a senhora se...?

M.A. – Com o doutor Ideel, doutor Ronald... Eram os mais chegados a ele. Tinha também o doutor Orlindo Elias. Doutor Orlindo era muito amigo dele.

T.M. – Agora, uma pergunta que, enfim... Duas coisas: primeiro, se a senhora sempre acompanhou essa trajetória da Defensoria enquanto instituição, e a segunda, o que significa para a senhora a preservação da memória do doutor Omar Marinho Vieira?

M.A. – Olha, eu sempre acompanhei, a Defensoria sempre fez parte, era um assunto na minha casa que todos nós debatíamos, todos nós conversávamos, e quando minha filha resolveu fazer concurso para a Defensoria, foi uma alegria muito grande, porque ninguém forçou, ninguém fez nada, e ela resolveu fazer e nós ficamos muito felizes. E a preservação da memória dele, é o que lhe falei, eu só tenho que agradecer a essa instituição, porque essa instituição foi maravilhosa enquanto meu pai era vivo, porque essa instituição... Ele era feliz dentro dela. Ele se completava, na Defensoria. Ele se realizava, na Defensoria. E agora, ele já não está mais aqui, já faz uns cinco anos que ele se foi, e a Defensoria continua homenageando meu pai. Então é uma instituição que nunca a nossa família vai poder esquecer. Essa semana... Eu vou lhe contar, **mas não grave isso**.

T.M. – Depois a gente...

M.A. – Tira. Meu neto... Teve o aniversário do meu marido e meu neto foi ao jantar, um jantar de família, de blazer, calcinha social e uma canetinha no bolso, como meu pai fazia. E aí eu falei: “Meu filho, você está lindo!”. Ele foi e disse assim: “Ah, vovó, estou igualzinho ao biso Omar”.

T.M. – Quantos anos?

M.A. – Oito anos.

T.M. – Olha! [riso]

M.A. – “Estou igualzinho ao biso Omar.” Então eu acho que esse amor que a gente tem – e a instituição, do jeito que ela está fazendo com meu pai, homenageando, lembrando, e toda hora eu tenho que ler, eu tenho que ver alguma coisa sobre a história da vida dele – está passando até para os netos. Minha filha tem um amor muito grande e meu neto. Os netos já



têm esse amor pela Defensoria. É algo que eu não posso nem te explicar, é algo especial. E principalmente o doutor Nilson Bruno, porque ele tem sido maravilhoso com a memória... e o carinho que ele tem com a memória do meu pai.

T.M. – E seu trabalho enquanto uma pessoa que zela pela memória dele? Como é esse seu trabalho? Como foi separar as fotos?

M.A. – Foi difícil.

T.M. – Como é que foi?

M.A. – Foi bem difícil. Eu chorei muitas vezes, depois falei: “Não. Vou superar. Isso eu tenho que superar”. Eu só tenho uma filha, eu é que tenho que fazer isso. Então... E com um orgulho muito grande, porque uma história tão linda, um amor tão grande por uma instituição, e essa instituição retribuindo esse amor para ele. Porque ele dedicou a vida dele para essa instituição, e agora a instituição retribui para ele. Só posso ter muito orgulho da Defensoria e do meu pai. E faço isso tudo com muito carinho, com muita dedicação, com muito amor, porque o amor que eu dediquei a meu pai, eu estou dedicando à memória dele. E meu pai era um homem que tudo para ele era a minha mãe. Minha mãe era tudo na vida dele. Eles eram unidíssimos: em todos os locais que estavam juntos, todos os momentos que ele teve dentro da Defensoria, ele estava com “a minha lourinha”, que era minha mãe, Rose. “A minha lourinha está aqui. A minha lourinha está aqui.” Então era a paixão dele, era a minha mãe, e a paixão dele... a família e a Defensoria. Então eu tenho um orgulho muito grande de poder ajudar a contribuir de alguma forma para esse livro, porque estou resgatando muita coisa da memória dele. E eu sei que, se ele estivesse aqui, ele faria isso melhor, muito melhor do que eu, porque ele teria a história dele para contar. Eu, muitos momentos, eu já estava casada, com filho, com tudo isso, então não pude estar tão presente quanto a minha mãe estava, mas o que eu puder ajudar...

T.M. – E tem alguma coisa que a senhora gostaria de acrescentar que, de repente, eu não tenha perguntado, alguma história de seu pai com a Defensoria ou, não sei, alguma coisa que a senhora queira acrescentar?

M.A. – A história dele com a Defensoria foi sempre de muito trabalho, muita dedicação, muito amor, mas muito carinho, muito carinho. Em todos os momentos, após ele ter morrido, a Defensoria foi de um carinho muito grande comigo, para resolver todos os problemas da morte dele, para resolver os problemas todos de... Os funcionários todos da Defensoria, quando eu entrava, eles diziam: “É a filha do doutor Omar”. Então essa é a história que eu posso lhe contar, de orgulho. Porque enquanto você está vivo, todo mundo está ali, mas depois que você morre, depois que você já não é mais importante, as pessoas continuam com o mesmo carinho... Quando eu entrei na Defensoria, na primeira vez que eu fui conversar com a moça no Departamento Pessoal, o porteiro me falou: “A senhora não é a filha do doutor Omar?”. Olha que orgulho que eu tive! Então ele era lembrado, continuou sendo lembrado como doutor Omar. Isso não poderia ser mais gratificante para uma filha do que isso foi.

T.M. – Para mim valeu, Ninna. E para vocês, valeu também?

[FINAL DO DEPOIMENTO]